



APRESENTAÇÃO

TERRITÓRIOS COSTEIROS: UM CONJUNTO DE POSSIBILIDADES

O presente dossiê pretende discutir questões inerentes aos Territórios Costeiros do Nordeste do Brasil. Desde já agradecemos aos autores convidados, principalmente aos professores de Universidades e Institutos Federais e àqueles que compreenderam a proposta e atenderam ao chamamento para esse desafio de entender um espaço tão valorizado social, cultural e economicamente e ao mesmo tempo com tantos problemas de natureza socioambiental.

Inicialmente, a ideia era captar alguns artigos para compor a edição regular da GeoNordeste e assim enriquecer o periódico em termos de trabalhos direcionados para uma temática específica, algo recorrente nos dossiês, inerente a sua natureza editorial. Afortunadamente, a proposta teve uma excelente acolhida e a quantidade de textos enviados foi muito grande e com uma qualidade elevada. Por isso resolvemos propor uma edição especial dedicada exclusivamente aos textos da temática do dossiê.

O litoral nordestino é muito conhecido por suas belezas paradisíacas, pelo uso turístico e de lazer, e ao mesmo tempo pela concentração industrial e urbana e pela presença de metrópoles regionais, com considerável concentração demográfica. As paisagens desse litoral são diversas, variando de praias não ocupadas, até espaços imponentes dos complexos hoteleiros, aos territórios fragmentados das capitais estaduais e ao domínio pontual de zonas portuárias.

Ocupado de maneira e intensidades variadas desde o início da colonização, o litoral nordestino apresenta hoje, em seus nove estados, diferentes arranjos espaciais e ao mesmo tempo, dificuldades de implementação de políticas de ordenamento territorial, além de presença constante de impactos ambientais e contaminação cada vez mais acentuada.

Numa primeira aproximação e num esforço inicial de síntese, é possível pensar o litoral nordestino a partir das ideias de diferenças, desequilíbrios e desigualdades. Diferenças expressas claramente nas bases ecológicas e geomorfológicas e nas paisagens rurais dominadas pela cana-de-açúcar, pelas pastagens, resquícios de Mata Atlântica, pela mata de restinga e também pelos coqueirais. Desequilíbrios porque se assiste desde complexos turísticos globais até problemas de exclusão social em comunidades costeiras que podem ser

expressos em IDH de perfil terceiro-mundista. E as desigualdades são evidentes entre um mundo urbano e metropolitano moderno, que convive entre os “mil tons” que a pobreza oferece, verdadeiras lacunas na base social, e um mosaico rural, igualmente problemático.

Esse contexto de (des)ordenamento territorial evidencia a necessidade de reflexões sobre esse espaço raro, frágil ambientalmente e tão diverso em termos geomorfológicos, biológicos, econômicos e sociais. Os conflitos ambientais também são recorrentes no litoral nordestino e refletem o modelo de desenvolvimento historicamente adotado. As experiências relativamente recentes de desenvolvimento sustentável e o uso de instrumentos de planejamento e gestão não têm sido suficientes para reverter a escalada de problemas naturais e antrópicos.

Vale ressaltar que o quadro de contaminação ambiental, sobretudo em áreas urbanas e metropolitanas, acaba colocando em xeque o modelo turístico de sol e praia, a vilegiatura, a moradia, o lazer e as formas de vida tradicionais na região, criando assim muitas dificuldades para o desenvolvimento regional. O Nordeste das praias e dos paraísos tropicais encontram-se em perigo, dadas suas formas de uso e à exploração num contexto histórico e espacial de concentração de terra e renda.

A geografia do litoral nordestino pode ser concebida a partir de variadas possibilidades de leitura, sem deixar de pensar sobre a importância econômica, as formas de resistência das comunidades costeiras, as práticas marítimas, o uso e abuso dos recursos, a discussão da conservação ambiental e as possibilidades de gestão, considerando os aspectos regionais da configuração do espaço.

Como se vê, é possível estudar o litoral do Nordeste sob vários ângulos. Essa amplitude exigiu a escolha de eixos temáticos para direcionar a elaboração dos artigos para o dossiê, e ao mesmo tempo para delimitar os conteúdos. Nesse sentido, foram definidos quatro eixos para dar maior convergência às ideias e possibilitar um produto voltado para o entendimento da dinâmica territorial e seus conflitos, para as necessidades do gerenciamento costeiro e para as tendências do estudo do litoral: 1) Territórios Costeiros: Múltiplos Olhares; 2) Ordenamento Territorial de Ambientes Costeiros; 3) Segunda Residência e Vilegiatura Marítima; 4) Dinâmicas Regionais e Configurações Territoriais.

No primeiro eixo, a discussão gira em torno de questões históricas, epistemológicas e sobre memórias concernentes à discussão dos caminhos das produções geográficas a respeito do litoral. O papel da vilegiatura marítima na construção da geografia das cidades costeiras nordestinas e o estado da arte sobre o litoral na ciência geográfica dão o tom de um debate necessário sobre a redefinição do significado e do uso do espaço litorâneo. E como sem



memória não se vive, as descobertas, conhecimentos e reconhecimentos oferecem múltiplos olhares, cheios de vida e experiências.

Já no segundo eixo, a questão do ordenamento territorial de ambientes costeiros ganha relevo na perspectiva de discutir gestão de unidades de conservação e a instalação recente de parques eólicos. No terceiro, a preocupação com a segunda residência, com a vilegiatura e as manifestações turísticas ao longo do litoral nordestino balizaram os artigos e abriram caminho para estudos sobre as chamadas práticas marítimas. E por fim, espaço e tempo, convergências e divergências se entrecruzam ao destacar a configuração e a dinâmica territorial do litoral na região Nordeste, o fio condutor dos textos do eixo número quatro.

A escolha de Territórios Costeiros para o título do dossiê se deu em função da defesa da multidimensionalidade do espaço litorâneo e da abordagem política e cultural. Território costeiro entendido então com recorte geográfico resultante de relações de poder e associado à formação de identidades, e também como cenário ambiental ativo onde se realizam as disputas, os conflitos e as construções cotidianas e históricas da vida cultural, social e econômica. Em uma palavra, é na territorialidade que o litoral é continuamente construído e vivido, porque sem território não há litoral nem zona costeira. Igualmente, há superposições de territórios que aumentam a complexidade analítica e convida o uso de categorias geográficas para uma ancoragem mais sólida do entendimento dos variados processos.

O objetivo do dossiê é discutir alguns aspectos que definem esse espaço como problema, cujos conflitos ambientais e territorialização intensa o colocam na ordem do dia, uma das prioridades da gestão territorial no Brasil. Em síntese, e parafraseando o grande geógrafo Milton Santos (1996), em sua obra monumental “A Natureza do Espaço”, é possível entender o litoral do Nordeste como um conjunto de possibilidades.

Inseridos nos quatro eixos definidos para o dossiê e nos pressupostos da obra, foram aceitos quinze artigos inéditos. O primeiro artigo é assinado pelo geógrafo cearense Eustógio Wanderley Correia Dantas, intitulado “Advento das práticas marítimas modernas nos trópicos”. A preocupação do professor Eustógio Dantas, um estudioso de longa data da constituição das metrópoles litorâneas do Nordeste do Brasil e da incorporação do mar à geografia das cidades, está centrada na prática marítima da vilegiatura e sua força na valorização de praias urbanas e zonas metropolitanas.

No segundo artigo, o professor André Nunes de Sousa e o geógrafo Mateus Barbosa Santos da Silva, em seu texto “Estudos sobre litoral em geografia: história e desenvolvimento epistemológico”, se propõem a contribuir com o debate sobre as bases histórico-epistemológicas dos estudos sobre litoral levados a cabo na geografia brasileira.

No artigo número três, a professora Maria Augusta Mundim Vargas nos brinda com suas memórias sobre pesquisas desenvolvidas no litoral sergipano. Intitulado, “A geografia do litoral que pulsa na memória: descobertas, conhecimentos e reconhecimentos”, o artigo dessa geógrafa mineira discute as abordagens e os instrumentais metodológicos utilizados nas pesquisas sobre o litoral realizadas ao longo da sua trajetória profissional.

O artigo seguinte dá início ao eixo temático dedicado ao ordenamento territorial de ambientes costeiros. Assinado pela geógrafa Eduina Bezerra França e com o título “Ordenamento territorial de unidades de conservação da natureza no Litoral Sul de Alagoas”, o trabalho analisa a dinâmica da gestão de Áreas de Proteção Ambiental (APA), tomando como recorte espacial e referência empírica a APA de Piaçabuçu e a APA de Marituba do Peixe.

O quinto trabalho, “Ordenamento territorial e impactos do processo de turistificação e produção de energia eólica no litoral do Nordeste do Brasil”, da filósofa Moema Hofstaetter e do economista e geógrafo Francisco Fransualdo de Azevedo, tem como foco a discussão sobre as novas dinâmicas territoriais estabelecidas a partir da instalação dos parques eólicos, com significativa alteração da paisagem e dos lugares costeiros.

O texto número seis, de autoria dos professores Mirela Carine Santos Araújo e Hélio Mário de Araújo, turismóloga e geógrafo, respectivamente, intitulado “Os desafios da gestão pública municipal no enfrentamento do turismo de segunda residência na costa litorânea de Vera Cruz e Vila de Barra Grande – BA”, está preocupado com os impactos socioambientais provocados pela casa de praia e pelo veraneio. O estudo abre o eixo três do dossiê, dedicado à casa de praia, à vilegiatura e também às práticas marítimas modernas e tradicionais.

Na esteira da discussão sobre casa de praia, o sétimo artigo, “A (re)produção do espaço urbano pelas segundas residências na zona costeira do Piauí – Brasil”, produzido pelos geógrafos Fabiana da Silva Pessoa, Alexandre Queiroz Pereira e Enos Feitosa de Araújo, discute a espacialidade do fenômeno da segunda residência em zonas de praia, tendo como referência empírica os quatro municípios que compõem a pequena franja costeira do Estado do Piauí.

O artigo número oito, intitulado “Vilegiatura nas Praias de Coruripe – Litoral Sul de Alagoas”, de autoria da geógrafa Jucileide da Silva Sobreira, elabora um diagnóstico socioambiental da orla de Coruripe, especialmente dos povoados Pontal de Coruripe e Lagoa do Pau, identifica as unidades de paisagem e discute a ocupação dos espaços de praia dos referidos povoados e as repercussões ambientais do uso da orla marítima em pequenas comunidades costeiras.



O nono trabalho, de autoria do geógrafo Max Alberto Nascimento Santos e da professora e geógrafa Ana Rocha Santos, intitulado “A Dinâmica Regional e as Reconfigurações Territoriais no Litoral Sergipano – Brasil”, abre o eixo quatro do dossiê e se preocupa em analisar a dinâmica costeira em termos humanos e dos arranjos espaciais que se processaram a partir da instalação da infraestrutura de pontes sobre os estuários e a pavimentação e reforma de rodovias costeiras.

O artigo número dez é de autoria dos geógrafos Anízia Conceição Cabral de Assunção Oliveira e Marcus Henrique Oliveira de Jesus. Com o título “Transformações Socioespaciais no Litoral Norte da Bahia: Vetores, Padrões e Tendências de Uso e Ocupação Territorial”, discute-se os padrões de uso e ocupação da zona costeira do município de Conde a partir dos processos de transformações socioespaciais ocorridos na região e da ação dos vetores de modernização que impõe novas lógicas na estrutura do território costeiro em escala regional e local.

No artigo seguinte, a professora e geógrafa Carla Norma Correia dos Santos discute a lógica zonal e a lógica reticular na produção de novos territórios e novas territorialidades. O título do trabalho é “Entre Indiaroba/SE e Jandaíra/BA: atores e redes na reconfiguração de territórios costeiros” e tem como objetivo analisar o papel dos atores locais e das redes na construção da geografia litorânea dos referidos municípios, cuja contiguidade espacial e a condição de limite territorial entre dois estados nordestinos despertou a atenção para a análise.

A preocupação com o processo de constituição dos conflitos socioambientais em comunidades pesqueiras na área de abrangência do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (PEAC) é o foco central do artigo “Educação ambiental crítica como instrumento na análise dos conflitos socioambientais em comunidades tradicionais no Litoral entre Sergipe e Bahia”, de autoria das professoras Maria do Socorro Ferreira da Silva, Sindiany Suelen Caduda dos Santos e do professor Carlos Frederico Bernardo Loureiro.

A arquiteta Sarah Lúcia Alves França e a geógrafa Vera Lúcia Alves França são as autoras do artigo número treze. Com o título “Sim! Eu moro em Condomínio Fechado! Contrapontos das Novas Formas de Urbanização Litorânea na Região Metropolitana de Aracaju-SE”, o estudo tem como objetivo analisar as novas formas de urbanização e seus agentes através da inserção de condomínios fechados na Região Metropolitana de Aracaju, a partir da década de 1990. A escolha pela representação cartográfica e a preocupação com a moradia em ambientes de praia num ambiente urbano fragmentado dão o tom da discussão levantada.

O turismólogo Joab Almeida Silva e o professor e geógrafo José Wellington Carvalho Vilar assinam o décimo quarto artigo com o título “O Eixo Territorial Turístico de Aracaju/SE: a Predominância do Litoral”. A pesquisa debruça-se sobre a seguinte questão: quais são e como se caracterizam os territórios turísticos do destino Aracaju? A partir desse questionamento base, o texto tem por objetivo identificar tais territórios e discutir suas nuances, avanços e desafios para a exploração do turismo.

Encerrando a coletânea, o historiador Luiz Antônio Pinto Cruz, com o trabalho “A Ação dos Submarinos Alemães e os “Malafogados” na Costa Sergipana (1942-1945): Contribuição À Geografia Histórica”, procura entender os acontecimentos militares e suas relações espaciais em termos de resquícios materiais resultantes dos torpedeamentos responsáveis pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Num olhar inovador, Luiz Cruz trabalha na fímbria da discussão tempo-espço, aposta na memória e contribui para a discussão das reações da população local da época sobre a apropriação, comercialização e no simbolismo que representavam os salvados de guerra nas praias sergipanas.

Os eixos transversais aqui selecionados procuraram resgatar a espacialidade existente no litoral, um recorte multidimensional no qual convive a geografia da natureza e territórios superpostos. O espaço litorâneo também responde pela lógica interescalar tão vital na ciência geográfica e por isso se pode advogar pelo litoral no âmbito local, regional, urbano, rural e metropolitano e até global.

Estão de parabéns, tanto a Revista GeoNordeste que abre seus espaços editoriais para discussão temática como os autores que aceitaram esse desafio. A todos esses colegas engajados, preocupados com questões socioambientais do litoral no Nordeste brasileiro, que aceitaram o convite, reiteramos nossos maiores agradecimentos.

Essa apresentação mais ou menos reflexiva não poderia ser concluída sem referência, por mais breve que seja, ao momento histórico em que vivemos marcado pela presença da covid-19 e pela instabilidade política e institucional. A experiência das praias fechadas, a diminuição e até proibição do fluxo turístico para o litoral, a crise do cotidiano dos espaços litorâneos e o isolamento social, aliada ao momento crítico de iniciativas antidemocráticas, acenam de maneira flagrante para a necessidade de novos olhares sobre os territórios costeiros, trincheiras de construção e resistência.

Boa Leitura a todos!

São Cristóvão, SE, 20 de agosto de 2021, no segundo ano da Covid-19



Dr. José Wellington Carvalho Vilar

Professor Titular do Instituto Federal de Sergipe (IFS)

Professor Colaborador do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO)
da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Turismo (PPMTUR)
do Instituto Federal de Sergipe (IFS)

Dr. Hélio Mário de Araújo

Professor Titular do Departamento Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Dr. Joab Almeida Silva

Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)